

A IDEOLOGIA DO VALE DO SILÍCIO E O TRABALHO PLATAFORMIZADO

THE IDEOLOGY OF SILICON VALLEY AND PLATFORMIZED WORK

Ana Patrícia Dias Sales¹

<https://orcid.org/0000-0002-6070-884X>

Cesar Sanson²

<https://orcid.org/0000-0003-1275-0418>

Francisco José Lima Sales³

<https://orcid.org/0000-0002-2642-0383>

RESUMO

O capitalismo do século XXI irrompe com uma “economia digital”. Esse momento é marcado por mudanças na base técnica do capital e por um conjunto de outros acontecimentos advindos da crise estrutural dos anos 1970. A internet das coisas torna-se a base dos negócios digitais, com destaque para as empresas-plataforma. Nessa direção, o Vale do Silício aparece, no imaginário social, como um lugar de prosperidade por aglutinar as principais empresas tecnológicas e forjar uma nova modalidade de trabalho que vende a ideia “do jeito fácil e diferente de ganhar dinheiro sem ter chefe”. O objetivo do artigo é responder as seguintes questões: O que representa o Vale do Silício na contemporaneidade? Quais os elementos e valores que deram sustentabilidade ao desenvolvimento da região que a tornaram ícone de prosperidade no imaginário social? O que a ideologia do Vale do Silício oculta no tocante ao trabalho plataformizado? Qual a percepção dos trabalhadores de plataformas da cidade de Natal (RN) sobre o seu trabalho? Constata-se que os valores da autonomia e da liberdade estimulados pela ideologia do empreendedorismo do Vale do Silício são sedutores, mas as promessas de aquisição de renda rápida e ascensão social não se efetivaram; ao contrário, particularmente para os *motoboy*s e *bike boy*s de *delivery*, tendo como referência a cidade de Natal, suas condições de vida não se alteraram qualitativamente. Ademais, identifica-se que a autonomia e a liberdade prometidas pelo trabalho de plataforma precisam ser melhor problematizadas.

Palavras-chave: *bike boys*; economia digital; ideologia; trabalho plataformizado; vale do silício.

1 Doutora em Sociologia. Professora do curso de Ciências Sociais e do Programa de Pós Graduação em Estudos Urbanos e Regionais (PPEUR) da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). E-mail: ana.patricia.sales@ufrn.br

2 [Doutor em Sociologia. Professor do Departamento de Ciências Sociais da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). Integrante do grupo de pesquisa "Nexos da Uberização". E-mail: cesarsanson@gmail.com

3 Doutor em Educação. Professor da Universidade Federal Rural do Semiárido (UFERSA), lotado no Departamento de Ciências Humanas do Centro Multidisciplinar de Angicos (CMA). Membro do Grupo de Estudo e Pesquisa em Teoria Política, Sociedade e Educação – GETEPS. E-mail: francisco.sales@ufersa.edu.br

ABSTRACT

21st century capitalism erupts with a “digital economy”. This moment is marked by changes in the technical basis of capital and a set of other events arising from the structural crisis of the 1970s. The internet of things becomes the basis of digital business, with emphasis on platform companies. In this sense, Silicon Valley appears, in the social imagination, as a place of prosperity for bringing together the main technological companies and forging a new type of work that sells the idea of “the easy and different way of making money without having a boss”. The objective of the article is to answer the following questions: What does Silicon Valley represent in contemporary times? What elements and values gave sustainability to the development of the region and made it an icon of prosperity in the social imagination? What does Silicon Valley ideology hide when it comes to platformed work? What is the perception of platform workers in the city of Natal (RN) about their work? It appears that the values of autonomy and freedom stimulated by the ideology of Silicon Valley entrepreneurship are seductive, but the promises of acquiring quick income and social advancement have not come true; on the contrary, particularly for motorcycle couriers and delivery bike boys, taking the city of Natal as a reference, their living conditions have not changed qualitatively. Furthermore, it is identified that the autonomy and freedom promised by platform work need to be better problematized.

Keywords: Bike boys; Digital economy; Ideology; Platformed work; Silicon Valley.

INTRODUÇÃO

Este artigo tem sua gênese nas reflexões e problematizações suscitadas pelas mudanças processadas na base técnica do capital, na transição do século XX para o XXI, que promoveram o fenômeno da plataformação, a emergência de uma nova modalidade de trabalho e uma maior flexibilidade do mercado de trabalho.

Marca esse momento histórico um conjunto de acontecimentos advindos da crise estrutural do capital dos anos 1970 e o desenvolvimento de novas tecnologias provenientes da Revolução Técnico-Informacional e da Quarta Revolução Industrial. Com isso, distintas tecnologias com incidência no mundo do trabalho, bem como na vida individual e coletiva dos cidadãos, caracterizam cada uma dessas revoluções.

Nessa direção, o Vale do Silício, que se origina em torno da Universidade de Stanford e do Parque industrial de Stanford, numa área semirural ao norte da Califórnia (EUA), aparece como um lugar que concentrará as principais empresas tecnológicas, potenciais desenvolvedores de tecnologias e investidores. É a partir da década de 1970 que irão para o Vale do Silício figuras como Steve Wozniak, Steve Jobs, Paul Allen e Bill Gates.

Com efeito, o Vale do Silício assume no imaginário social a ideia de uma região mágica na qual o determinismo tecnológico salvará a humanidade, onde a prosperidade é inevitável e, o mais relevante, um lugar onde se ganha muito dinheiro com a ausência de chefes. Assim, o Vale do Silício se fez determinante para o fortalecimento da ideologia do empreendedorismo.

O objetivo do artigo é responder as seguintes questões: O que representa o Vale do Silício na contemporaneidade? Quais os elementos e valores que deram sustentabilidade ao desenvolvimento da região, tornando-a ícone de prosperidade no imaginário social? O que a ideologia do Vale do Silício oculta no tocante ao trabalho plataformizado? Qual a percepção dos trabalhadores de plataformas da cidade do Natal (RN), particularmente dos entregadores, sobre o seu trabalho?

Para subsidiar a reflexão e dar resposta aos problemas levantados, a análise se fundamenta nos seguintes autores: Lévy Pierre (1999), Manuel Castells (1999), Jeremy Rifkin (2001), Klaus Schwab (2016), Tom Slee (2017) e Ludmila Abílio (2019), entre outros. Acrescenta-se a esta revisão da literatura, a análise de dados primários resultantes de uma pesquisa desenvolvida na cidade de Natal (RN) durante os anos de 2022 e 2023⁴ com trabalhadores que prestam serviços para plataformas de *delivery*. A dita pesquisa se valeu do instrumento da entrevista em profundidade para coleta de informações e contou com a colaboração de quarenta e nove respondentes, motoboys e bike boys que prestam serviço para distintas plataformas de *delivery*.

Para efeito de sistematização do artigo, inicia-se situando o Vale do Silício, no intuito de demarcar o ineditismo estadunidense na criação da internet, no desenvolvimento do capitalismo de plataforma, do trabalho plataformizado e na gestação da ideologia do empreendedorismo. Na sequência se apresenta a percepção dos trabalhadores que prestam serviço especificamente para as plataformas de *delivery* na cidade de Natal (RN).

O VALE DO SILÍCIO: DO MITO À REALIDADE DO TRABALHO POR PLATAFORMAS

Na transição do século XX para o XXI a sociedade capitalista passou por grandes transformações no âmbito econômico, político e social. O mundo assiste um processo de alteração na base técnica do capital, bem como da digitalização das coisas físicas, com reflexos profundos na forma de ser, de existir, de consumir, de interagir e de trabalhar.

No centro dessa metamorfose societal está a revolução tecno-informacional, que tem origem nos Estados Unidos. As suas primeiras fases remontam às décadas de 1940 e de 1960, com participação decisiva do financiamento militar e dos mercados da indústria

⁴ Pesquisa “Nexos da uberização: análise a partir dos trabalhadores”, conduzida por uma equipe multidisciplinar de professores e estudantes da UFRN.

eletrônica. Nos anos 1970 se processa um novo salto tecnológico que, de certa forma, relaciona-se com a cultura da liberdade da década de 1960, da inovação individual e da iniciativa empreendedora oriunda dos *campi* universitários norte-americanos.

Nesse diapasão, o Vale do Silício desponta como o lugar por excelência da simbologia da grande transformação do capitalismo a partir do último quarto do século XX e assume diversas denominações na análise sociológica: pós-modernidade (Harvey, 1992), sociedade informacional (Castells, 1999; Lojkine, 1999), sociedade pós-industrial, pós-fordista (Rullani e Romano, 1998; Lazzarato, 2001; Virno, 2002; Negri, 2005), capitalismo cognitivo (Cocco e Galvão, 2003; Vercellone, 2005), sociedade do conhecimento (Gorz, 2005), era do acesso (Rifkin, 2005), novo capitalismo (Sennett, 2006) e capitalismo de plataforma (Srnicek, 2017).

Atente-se que as principais empresas de tecnologia da contemporaneidade localizam-se nessa região, quais sejam: a Google, o Facebook, a Microsoft e a Amazon. Adiciona-se também a variedade de *startups*. O local abriga igualmente importante parcela das pessoas mais ricas do mundo, que apostam em projetos de criação e expansão de empresas de tecnologia capazes de revolucionar o mercado e, como desdobramento, “melhorar [supostamente] a vida das pessoas e da sociedade” (Slee, 2017, p.14). Esse ideário é a grande máxima do Vale do Silício, arraigada nas mentes e corações dos “deuses tecnológicos” que investem até na busca pela vida eterna (Friend, 2018).

Não sem razão, essa região, no imaginário social, é tida como sinônimo de prosperidade e de pessoas de sucesso. Como disse um jovem estudante de engenharia de computação ao se referir a essa localidade, “[ali só] não ganha dinheiro quem não quer”. Afinal, qual o “cidadão de bem” que não gostaria de alcançar a fama e o sucesso financeiro de um Bill Gates, de um Steve Jobs, de um Mark Zuckerberg e do mais recente dono do Twitter, o bilionário Elon Musk? Cabe atentar que o acúmulo de fortunas e êxito financeiro sempre inquietaram o espírito dos homens que se movem no contexto da racionalidade deletéria do capital.

É bem verdade que na região também se concentram as principais universidades da área das engenharias e que essas instituições habilitam profissionais alinhados com o letramento digital e voltados a pesquisar, criar, inovar e empreender. Logo, esses “deuses digitais” juntos com toda a estrutura edificada no Vale do Silício vão difundindo a “cultura da internet e do empreendedorismo”. Nesse aspecto, é conveniente ressaltar o pioneirismo norte-americano no que diz respeito ao desenvolvimento da comunicação em rede. Esse processo, que possibilitou “estruturar o não estruturado”, segundo Castells (1999), foi originado pelo *Médium interactif par numérisation d'information téléphonique* – MINITEL francês e pela *Advanced Research Projects Agency Network* – ARPANET americana. Seu aprimoramento demandou um tempo de complexas experimentações e expansão, mas não tardou para alcançar seu aprimoramento nos anos 1990 com a internet.

A internet logo se transformou na base de sustentação da sociedade contemporânea, consagrando-se como um negócio privado e ponto fulcral em torno do qual gira grande

parte da sociabilidade humana e se move a nova economia informacional⁵ ou digital. Logo, a internet – informação gerada, armazenada, recuperada, processada e transmitida – impôs-se como “a rede das redes”, revolucionando também as formas de comunicação.

Daí em diante, mensagens passaram a ser enviadas por fios de telefones, cabos e satélites, ao mesmo tempo em que a sociedade se polarizou entre os “conectados e não conectados”. A rigor, pelo acesso às redes, pessoas passaram a se comunicar universalmente de modo a influenciar o comportamento humano (Rifikin, 2001).

Esse processo, pode-se afirmar, tem seu ideário sustentado na

[...] crença tecnocrática no progresso dos seres humanos através da tecnologia, levado a cabo por comunidades de *hackers* que prosperam na criatividade tecnológica livre e aberta, incrustada em redes virtuais que pretendem reinventar a sociedade, e materializada por empresários movidos a dinheiro nas engrenagens da nova economia (Castells, 2003, p. 53).

Com isso, entende-se que a internet se assenta em várias camadas culturais, como a dos *hackers*, a da meritocracia, a da comunidade virtual e a do empresário. Esse arranjo produziu meios capazes de difundir uma tecnologia de alcance amplo, com capacidade de conectar milhares de pessoas e trabalhadores em tempo real em uma rede global (Castells, 2003).

Esse novo modo de ser e de existir nos “espaços de fluxos” não se acomoda mais no mundo físico e sim no “ciberespaço” (Castells, 1999). Nesse ambiente “on”, as pessoas se *plugam* e dão sentido a sua existência a partir de novos valores e ideais. Assim, elas produzem, reúnem-se, relacionam-se, comunicam-se e trabalham “por meio de redes interconectadas de computadores”. É nesse ambiente hiperconectado que vão se forjando os novos impérios econômicos (Lévy, 1999, p. 33).

Todo esse processo de mudanças na base técnica do capital parece seguir *ad infinitum*, afinal, a burguesia não sobreviveria “sem revolucionar constantemente os seus meios de produção” (Marx; Engels, 2001, p. 48). Nos tempos atuais, confirmando o que vaticinaram Marx e Engels, assistimos à Quarta Revolução Industrial, nominada também de Indústria 4.0. Para Schwab (2016), esse momento implica – nada mais nada menos – do que a transformação de toda a humanidade, significando a mudança mais distinta que o ser humano já experimentou, considerando a sua velocidade, a sua amplitude e a sua complexidade.

Essa nova fase é impelida por um complexo de novas tecnologias disruptivas como a robótica, a inteligência artificial, a realidade aumentada, a *Big Data* (análise de volumes massivos de dados), a nanotecnologia, a impressão 3D, a biologia sintética, a computação em nuvem e a chamada Internet das Coisas, em que cada vez mais dispositivos, equipamentos e objetos são conectados uns aos outros por meio da Internet.

5 Destaca-se que Castells (1999) opta pela definição de economia informacional porque, segundo ele, nessa economia a produtividade e a competitividade dependem de sua capacidade de gerar, processar e aplicar de forma eficiente a informação baseada em conhecimentos.

É importante destacar que o capitalismo em seu novo estágio de plataformação é operado por grandes empresas transnacionais, visceralmente ligadas ao capital financeiro. As empresas e seus lucros, hoje, respondem aos interesses de investidores e acionistas. Na sociedade industrial clássica, o empresário retornava parte do seu lucro para a sociedade através do pagamento de salários e geração de empregos com abertura de novas unidades fabris. Agora, as empresas de plataformas 4.0 romperam o “compromisso” de gerar empregos com seus correspondentes, direitos e estabilidade.

Essas empresas geram milhares de empregos, porém, na área de serviços e caracterizados como precários, ou seja, sem o conjunto de leis que garantem a proteção social do trabalhador. Ainda mais: a produtividade dessas empresas é exponencial, entretanto, o dinheiro que nas revoluções produtivas retornava parcialmente para a sociedade via assalariamento, hoje é transferido sobremaneira para o mercado financeiro.

Por outro lado, e, simultaneamente à evolução das forças produtivas, assiste-se, ao menos desde o último quarto do século XX, a uma reversão do Estado de bem-estar social. O capital conseguiu deslocar o debate e a correspondente regulação da relação com o trabalho do espaço da arena pública para a arena privada. O Estado retira-se do seu papel de arbitramento e equilíbrio na tensão capital versus trabalho.

Nessa perspectiva, as relações de trabalho fazem-se sempre e cada vez mais num processo de relações institucionais de individualização. Observa-se um processo de desregulamentação de direitos, que compreende as iniciativas de eliminação de leis e conquistas da classe trabalhadora, instituídos nos contratos coletivos, que regulam as condições e as relações de trabalho. Ademais, assiste-se ao solapamento dos trabalhos regulares, salários fixos, jornadas de trabalho predefinidas e local de trabalho físico, tal como se presenciou na era fordista.

Um dos casos paradigmáticos dessa transformação é a criação das plataformas digitais de transporte privado como a Uber e a de hospedagem Airbnb, que embora tenham em sua origem a inspiração nos sentimentos de solidariedade, compartilhamento, colaboração, ajuda mútua, entre outros valores difundidos e vendidos no e pelo Vale do Silício, logo se transformaram em grandes negócios privados, abandonando o princípio da horizontalidade e do tão propagado custo zero (Slee, 2017).

Aqui não se estão negando as vantagens trazidas pela revolução técnico-informacional-digital, pois se reconhecem os benefícios dessas invenções no tocante à “compressão tempo-espaço”, à facilidade de acesso a informações, aos serviços e oportunidades de negócios etc. O problemático dessa transformação é de que a mesma, hegemônica pelo capital financeiro, está criando grandes oligopólios e alargando o fosso entre países e pessoas.

É sabido que na atualidade essas empresas se multiplicam e reconfiguram o mercado de trabalho, sobretudo no setor de serviços da economia, assumindo um lugar já preexistente em diversas áreas do setor de serviços, como viagens, hospedagem, entregas, entretenimento, saúde, educação, relacionamentos etc.

Assim sendo, converteram-se nas grandes provedoras de “empregos” para a volumosa reserva de força de trabalho disponível mundialmente. Dessarte, as empresas de

plataforma se transformaram nas poucas oportunidades que a força de trabalho, jovem e adulta, em situação de desocupação e desalento tem de obter renda em um contexto no qual a economia mundial se encontra estagnada e os empregos formais decrescem (Sales; Sales, 2023).

Assentadas em uma racionalidade neoliberal que anda de mãos dadas com a globalização e a financeirização da economia, essas empresas tecnológicas com forte apelo publicitário mobilizam trabalhadores do mundo todo a se subordinarem a sua lógica sob a falácia do empreendedorismo, da autonomia e de ganhos de rendas desburocratizadas. A Uber, por exemplo, quando iniciou suas operações no Brasil, lançou uma campanha no seu site com o slogan “Jeito diferente”. Nessa chamada, a empresa convidava motoristas a levar a vida de um jeito diferente ao optarem por dirigir com a Uber, pois com ela teriam autonomia, conquistariam renda rápida e traçariam seus próprios objetivos (Uber, 2017).

Diga-se que é a partir desses ideais de liberdade, individualidade, autonomia e empreendedorismo que essas empresas personificadas de uma “racionalidade neoliberal”, como apontam Dardot e Laval (2016), vão flexibilizando, precarizando e complexificando ainda mais o mercado de trabalho em escala global, com impactos maiores, óbvio, na periferia do sistema, que sempre assumiu uma posição de desvantagem na divisão internacional do trabalho, destacando-se, nesse contexto, o Brasil, como afirma Pochmann (2001).

A rigor, as plataformas, especificamente as de *delivery*, situam-se numa zona nebulosa no que concerne à política da gestão do trabalho, ao cálculo da aquisição da renda, entre outros, deixando o trabalhador fora dos marcos da seguridade social e do vínculo empregatício, até porque elas se assumem como mediadoras entre um prestador de serviços e a massa de consumidores (Slee, 2017).

Acrescente-se que é nesse contexto de plataformização do trabalho que a gestão algorítmica ganha proeminência, ao assumir um papel crucial no tocante à supervisão do trabalhador: controle, rastreamento da sua localização, aferição de produtividade e a avaliação do comportamento durante o serviço. Assim sendo, ajuda a difundir a ideia do fim do “chefe” e da falsa liberdade (Abílio, 2019).

Todas essas características são invisibilizadas por meio da infraestrutura edificada no Vale do Silício que, para além da tecnologia, apoia-se na financeirização da economia, na ausência da regulação do Estado e na racionalidade neoliberal. Assim, operando no plano do invisível, a ideologia do Vale do Silício funda novas ideias e valores que, ao contrário da promessa de melhorar o mundo e as condições de vida do trabalhador, estão aprofundando a desigualdade, reeditando formas de trabalho precárias e relegando o trabalhador à informalidade. Essa ilustração do que acontece confirma-se em pesquisa que aborda o trabalho de *bike boys* e *moto boys* das plataformas de *delivery* na cidade de Natal, RN.

No caso específico, faz-se alusão a um universo de 49 prestadores de serviços de distintas plataformas *delivery*, tais como *iFood*, *Uber-eats*, *Rappi*, *Beer*, *Delivery*, entre outras. Dessa amostragem, apenas um é do gênero feminino, sendo 26 na faixa etária entre jovens-jovens e jovens adultos (18 a 29 anos), com escolarização variando entre

ensino superior completo, ensino médio completo e incompleto e ensino fundamental incompleto. Faz-se mister destacar que, do universo dos 49 entrevistados, 32 têm ensino médio completo e 8 possuem graduação completa.

Esses trabalhadores, além de sucumbirem ao trabalho precarizado, sem proteção social, desenvolvem, entretanto, certa percepção a respeito da atividade que praticam e desnudam a falsa ideia de empreendedorismo e renda fácil, tão difundidas pela ideologia e valores do Vale do Silício.

O OUTRO LADO: A PERCEPÇÃO DOS *BIKE BOYS* E *MOTOBOYS* SOBRE O TRABALHO PLATAFORMIZADO

O capitalismo de plataforma encontrou no Vale do Silício não apenas as condições estruturais para se desenvolver, mas a legitimação do empreendedorismo como “forma superior de trabalho”. Nesse processo de ressignificação, trabalhar por conta própria se tornou uma “forma superior de trabalho”. Assim,

[...] trabalhar sem direitos passou a ser visto como uma forma inteligente, exitosa, inovadora, quando não superior, de inserção social, especialmente quando comparada ao trabalho assalariado, com acesso aos direitos trabalhistas. Ao ignorar as condições em que o trabalho é exercido, bem como seus rendimentos, essa ressignificação do “empreendedorismo” iguala o conjunto dos “empreendedores”, independentemente de sua origem e classe social, como se esses fatores não fossem importantes na garantia de seu êxito (Leite; Lindôso, 2021, p. 795).

Ainda, segundo as autoras, o empreendedorismo é irmão gêmeo de outra noção ideológica, a meritocracia. Para Leite e Lindôso (2021, p. 796,) parte-se

[...] do princípio de que todos têm iguais oportunidades, independentemente do ambiente em que se nasce e das facilidades ou dificuldades que, em virtude desse background, enfrenta-se na vida adulta, de forma que aqueles e aquelas que forem fortes e trabalharem com afinco vencerão.

O empreendedorismo, portanto, passa a incorporar ao trabalho componentes ideológicos. Por um lado, difunde a ideia de que a pobreza pode ser superada pelo empenho e esforço individual e, por outro, atribui à atividade por conta própria certo glamour, como algo superior quando comparada ao trabalho assalariado, porque não recai sobre ele a subordinação a um patrão. A utopia subjacente é de que doravante cada qual se torna um “sujeito empresarial” (Dardot; Laval, 2016).

As ideias expostas anteriormente são referências para a análise e interpretação da compreensão dos trabalhadores de plataformas a respeito da atividade que desenvolvem.

As evidências da pesquisa apontam para a refutação da tese de que os trabalhadores por aplicativo se consideram empreendedores.

Há evidências, ao menos na realidade analisada, de que eles têm clara consciência de que são explorados pelos aplicativos e seus algoritmos, de que trabalham em condições precárias, de que estão fora da cobertura da legislação de proteção social e de que trabalham muito e ganham pouco. Ao mesmo tempo, entretanto, é perceptível que traços do ideário do empreendedorismo os seduzem, particularmente a autonomia e a suposta liberdade no trabalho.

No caso específico, percebe-se que uma porção significativa é seduzida para o labor de plataformas naquilo que o empreendedorismo comporta acerca da autonomia e liberdade que a modalidade da uberização promete. Percebe-se resistência ao emprego fordista em que o trabalhador precisa estar num mesmo local pela mesma quantidade de horas diariamente – jornada de trabalho padronizada – e, subordinado a um chefe ou supervisor, muitas vezes autoritário. A rigor, esses aspectos, liberdade e autonomia, aparecem nas narrativas de alguns entrevistados⁶ como vantagens oferecidas por essa modalidade de emprego. Como mencionou um entregador:

Assim, eu sendo entregador por aplicativo, eu me sinto livre absoluto, né? Uma liberdade. Daí eu já entendo que eu trabalho a hora que eu quero, né? Só ligo o aplicativo e início lá, já começo a esperar corridas vim, né? Então, é como se eu tivesse liberdade para trabalhar na hora que quiser, né? É assim que eu me sinto. Comparado com o trabalho fixo de carteira assinada em alguma empresa, alguma coisa do tipo, a pessoa se sente livre, sabe? Porque você tem que cumprir horário, você tem que acordar tal horário cedo demais para trabalhar e sair tarde, você se sente uma pessoa aprisionada [...] [Já] no aplicativo você tem uma liberdade absoluta, entendeu? Você trabalha o dia que quiser, a hora que quiser e quando quiser. Se você sentir que tá trabalhando demais, você pode tirar um final de semana, algum dia que você desejar para sair, para ir para uma praia, para curtir, alguma coisa do tipo. E você tem essa liberdade, entendeu? Isso, para mim, é uma vantagem. Para mim é uma liberdade absoluta, que nem eu falei (Marcos, 2023).

A percepção de autonomia e liberdade no trabalho pelo aplicativo é corroborada nesta outra fala:

Eu gosto pela liberdade de a gente fazer o nosso horário, né? Nosso horário, nosso dia. Não ter ninguém ali no pé da gente cobrando, né? A gente faz o horário da gente, o salário da gente. De positivo eu acho isso: a liberdade que a gente tem e o salário que a gente faz. Então, para mim, é mais interessante, apesar de também eu gostar de estar em cima da moto (Eleonora, 2023).

Nessa mesma direção, segue a narrativa de outro entrevistado:

Rapaz, é porque, tipo, eu assim quero trabalhar para mim mesmo. Não é parar de trabalhar para os outros, para eu me fazer meu horário, tenho meu tempo livre no dia que eu quiser folgar,

⁶ Todos os nomes utilizados são pseudônimos para preservar a identidade dos entrevistados. As falas são reproduzidas em sua forma literal.

folgar. Não tem ninguém que manda em mim e atrapalha no meu dia a dia, não é? E quando eu trabalhava como empregado, de carteira assinada, eu não tinha disponibilidade de fazer nada [...] Um bom trabalho, para mim, é ter a liberdade. É, a gente fazer o que a gente gosta mais de fazer, é o que a gente puder fazer. Nada melhor do que isso, ter a paz. A gente ter 100% do nosso dia... 100% não vai ter, não é?, mas ter aquela tranquilidade que a gente não tem quando está preso em um lugar (Batista, 2023).

Esse aspecto é visto muito positivamente, pois, como dito:

A parte positiva é que a gente tem nosso horário livre. A gente trabalha pra família da gente, a gente trabalha com o que a gente gosta em cima de uma moto [...] Trabalho bom para mim, no meu ponto de vista, é quando eu não tenho pressão. Quando eu posso trabalhar a hora que eu quiser, que tem uma faixa de tal hora. Quando eu quiser ou sentir vontade de folgar, eu folgo. Não tem uma pessoa enchendo meu saco, esse tipo de coisa. Eu me sinto bem, porque já trabalhei para os outros, pra outra pessoa. Praticamente eu sou meu próprio patrão. Como eu trabalhei muito para outras pessoas, hoje eu me sinto uma pessoa livre. Gosto do meu trabalho sempre. Hoje em dia, não penso sair dessa profissão pra arranjar trabalho (Dante, 2022).

Como se percebe nas falas acima, entre tantas outras verificadas nas entrevistas com os respondentes, há uma valorização acentuada da autonomia e da liberdade que o trabalho plataformizado supostamente proporciona. Colocado tudo na balança, entre um emprego com carteira assinada engessado e um “emprego” do tipo Uber, muitos optam pela segunda alternativa. Alguns afirmam exatamente isso: preferem o trabalho nos aplicativos a um trabalho regido pela Consolidação das Leis do Trabalho (CLT).

Esse dado, entretanto, não esconde o fato de que apesar da pretensa autonomia e da liberdade que esse tipo de trabalho proporciona, os entregadores têm consciência de que estão submetidos a um forte controle no trabalho que exercem. Portanto, se por um lado reconhecem a liberdade e a autonomia no trabalho como um fator de que gostam muito, por outro, esses mesmos trabalhadores relativizam a autonomia e a liberdade ao destacarem o controle (Sales; Sales, 2023).

Nesse caso, fica evidente que se trata de liberdade e autonomia relativas e controladas, uma vez que o(a) trabalhador(a) que quiser exercer a sua autonomia por um tempo prolongado acabará sendo prejudicado pelas plataformas. Esse dado se manifesta na fala abaixo, quando o entregador diz o seguinte:

Se você, por exemplo, não roda um dia ou dois, o aplicativo não te dá prioridade no outro dia. Tipo assim, você não é... você é chamado conforme você trabalha. Você trabalha todo dia no aplicativo, ele entende que você tá indo todo dia trabalhar e ele te dá mais corridas. Eu parei uma semana, o aplicativo me deixou quase dois dias sem pegar nada (Ebert, 2023).

Ou ainda nesta fala:

Tem uns aplicativos que eles, tipo, nos obrigam a escolher, a aceitar, na verdade né? Tem um que se você não aceitar três vezes, se recusar a ir, ele não chama mais. Se você recusar três vezes,

ele te bloqueia por uma certa hora, uma hora, uma hora e meia, mais ou menos. Aí depois ele libera de novo. No caso, ele, tipo, obriga você a ir (Eleonora, 2023).

Essa prática do aplicativo é corriqueira, como relata um dos entrevistados:

É tipo assim, ele querendo dizer assim, ó tu, tu tem que ficar on-line direto, se tu não ficar on-line direto, vai ser difícil pra você, entendeu? Assim, ele dá uma liberdade, mas, por outro lado, ao mesmo tempo, ele acaba tirando, né? Porque se você quer rodar só no iFood, você tem que determinar seu horário e ficar logado naquele horário, entendeu? Tipo um emprego fixo. Você... pronto, eu. Eu pego de 11, eu determinei que de cinco horas eu paro, mas também eu só paro uma hora (Cristiano, 2023).

Isso implica que

Você tem que trabalhar bastante. Mas existem aplicativos que escravizam a gente, no caso do iFood, escraviza, eu tô conversando com vocês aqui, eu não posso desligar meu aplicativo, porque se eu desligar, ele me corrige. Tipo, não que ele vá falar comigo: “ó, Edgar, você não pode”. Não. Ele diz que você pode ligar e desligar na hora que quer. Mas existe. Você tem que ficar um tempo on-line com o aplicativo ligado pra eles verem que você tá querendo trabalhar, tá disposto, e aí sim eles vão mandar corrida pra você. Se você, sei lá, acordar meio-dia e ligar o aplicativo duas vezes, você não vai, não vai pegar corrida nenhuma. Você tem que tá de manhã, o dia inteiro com o aplicativo ligado. Você não pode desligar o aplicativo. Se desliga, demora pra tocar (Edgar, 2023)

Outro fator que complexifica a pretensa autonomia e liberdade dos/das trabalhadores(as) de plataformas diz respeito às extensas jornadas de trabalho, algo reconhecido pelos/pelas entregadores(as). Ou seja, reconhecem que o ganho é proporcional às horas trabalhadas e, no caso, fazem-se necessárias longas jornadas, o que reduz severamente a autonomia e a liberdade. Sobre esse aspecto, assim disse um entregador:

Na verdade, não é fácil, você sair de 8 horas da manhã e chegar em casa de 8 horas da noite pra poder ganhar uns 100 conto por dia, quando tá baixo, quando tá parado. Mas quando tá bom, a gente precisa trabalhar tanto assim, não. Esse é o ponto negativo (Marcos, 2023).

Ainda sobre a intensa jornada de trabalho menciona outro entrevistado,

A gente passa mais tempo na rua do que em casa. Trabalha 12, 13 horas. A minha meta é... 130, aí tira 30 da gasolina, fica com 100, entendeu, aí, tipo assim, é relativo. Na segunda, a pessoa bateu em 10, 11 horas. E na terça, na quarta, que é o dia mais fraco, aí varia de 12, 13 horas. Aí, enquanto eu não bater minha meta, eu não vou para casa. Eu acho que todos os *motoboy*s são assim. Já cheguei a trabalhar umas 16 horas (Alê, 2023).

Logo,

Quem trabalha autônomo tem que aproveitar o momento, a gente não sabe o dia de amanhã. É como se eu falasse pra você: “ah, domingo eu vou lá pra praia de Ponta Negra com você pra gente beber uma”. Como? Domingo eu não posso, é o dia que mais tem corrida, trabalho seis dias na semana e folgo um (Edgar, 2023).

O que se percebe pelas afirmações dos/das trabalhadores(as) plataformizados(as), no caso entregadores de aplicativos, como se definem, é certa contradição entre o discurso da autonomia e da liberdade e o que efetivamente acontece no dia a dia de trabalho. Se, por um lado, afirmam que uma das vantagens é a livre administração do tempo, por outro, fica evidente que essa administração do tempo, dispor do tempo como lhe convém, é relativa. Há uma constrição no uso do tempo em função de que ao ficar muito tempo “deslogado” da plataforma, o trabalhador quase não é demandado e isso significa queda acentuada no rendimento.

Outro fator restritivo à liberdade e autonomia, ou seja, dispor do tempo livremente para outras atividades, é o tempo em que esses trabalhadores precisam ficar nas ruas, como se verificou nas entrevistas. Há certa unanimidade quanto a que uma jornada de oito horas é insuficiente para auferir um ganho minimamente razoável, o que implica a exigência de longas jornadas de trabalho.

Há ainda mais um fator que é elucidativo da frágil autonomia de que dispõem os trabalhadores de plataformas. Trata-se da questão do controle e isso é vislumbrado por um dos trabalhadores entrevistados:

Porque o iFood, ele não pensa no motoqueiro, ele... Ele precisa de um motoqueiro para fazer entrega, mas ele não pensa, por quê? Porque se o cliente faz alguma coisa de errado, quem leva a culpa é o motoqueiro. Se o estabelecimento faz alguma coisa errada, quem leva a culpa é o motoqueiro. Nós somos penalizados. Aí, o que é que acontece ele? Muitas das vezes nos bloqueia, não pergunta nem o motivo, simplesmente bloqueia (Caetano, 2023).

Esse dado é reforçado por outro *motoboy*, quando afirma:

Rapaz, é assim: o iFood, ele é meio cruel. Colega meu foi bloqueado agora, recentemente. Porque eu só posso *logar* no aplicativo em dois telefones, se eu botar o terceiro, ele desativa a conta, você perde sua conta pelo pé. Se você rejeita uma corrida, ele desfavorece para você pegar outra corrida, baixa sua preferência. Eu tava pegando muita corrida, se rejeitar uma do iFood, aí não toca muito para você, começa diminuir muito, tem muita gente que prefere ir pra casa (Dante, 2023).

Com isso,

A gente se sentia obrigado a aceitar aquilo que a gente não quer. A gente não tem livre-arbítrio de escolher o que a gente quer fazer. É como se ele quisesse dizer assim: na hora que a gente quiser bloquear você, a gente pode bloquear; e a gente tem que aceitar mesmo, se a gente não fizer nada, eles nunca botam uma opção boa (Carlos, 2023).

Acerca do controle a que estão submetidos os trabalhadores plataformizados, a literatura que acompanha essa modalidade de trabalho atesta que as formas de controle são múltiplas. Isso porque

As plataformas e os aplicativos têm um claro receituário, que executam cotidianamente: 1) Determinam quem pode trabalhar [...]; 2) Delimitam o que será feito [...]; 3) Definem que trabalhador/a realizará cada serviço e não permite a captação de clientes [...]; 4) Delimitam como as atividades serão efetuadas [...]; 5) Determinam o prazo para a execução do serviço [...]; 6) Estabelecem de modo unilateral os valores a serem recebidos [...]; 7) Determinam como os/as trabalhadoras devem se comunicar com suas gerências [...]; 8) Pressionam os/as trabalhadores/as para serem assíduos e não negarem serviços demandados [...]; 9) Pressionam os/as trabalhadores/as a ficarem mais tempo à disposição, mediante o uso de incentivos [...]; 10) Usam o bloqueio para ameaçar os/as trabalhadores/as, o que implica deixá-los/as sem poder exercer suas atividades por tempo determinado [...]; 11) Utilizam a possibilidade de dispensa a qualquer momento [...] (Filgueiras; Antunes, 2020, p. 67-68).

Uma conclusão, portanto, a que se chega em relação ao discurso da autonomia e liberdade difundido pela ideologia do Vale do Silício é de que essa percepção precisa ser problematizada. Por um lado, é inegável que quando comparado ao trabalho celetista, a administração do uso do tempo é um recurso utilizado pelos trabalhadores; verifica-se por outro lado, entretanto, que a autonomia e a liberdade são constringidas pela necessidade de ficar muito tempo disponível a serviço dos aplicativos, o que exige muitas horas de trabalho, bem superiores ao padrão celetista.

No que se refere à percepção do empreendedorismo, não há nenhuma evidência de que se sintam empreendedores na perspectiva do propagado pela ideologia do Vale do Silício. O empreendedorismo aqui, no sentido de trabalho por conta própria, é visto muito mais como uma estratégia de sobrevivência, como uma atividade que garante a sobrevivência e que guarda muita distância do ideário de que isso os tornará emancipados financeiramente. Todos têm consciência de que, independentemente dos esforços que realizem, esse tipo de atividade não lhes retirará da condição precária.

Outro fator que vai na contramão da percepção do empreendedorismo que prima pelo individualismo é o sentimento de classe que se manifesta entre esses trabalhadores. Várias afirmações nas entrevistas revelam que há um forte sentimento de solidariedade entre os entregadores de aplicativos, pois, como narrado:

A gente tudinho é unido aqui, se dá bem. Se um está precisando, o outro ajuda, e se a gente vê um prego, um pneu furado, um motor ruim, se a gente tiver passando na hora, a gente ajuda. Se tiver uma carga muito grande que a gente vê que não dá para levar, vai outro sem cobrar nada. Entendeu? A gente vai se ajudando aqui no dia a dia, na convivência (Fidel, 2023).

Diga-se que

O bom, o bom de, de, de motoqueiro, é isso. Porque com acidente, essas coisas, todo mundo para, pra... pra ajudar, em que for... pronto. No tempo, mesmo os colegas no tempo que eu fiquei parado, eu fiquei mais de um mês em casa, os colega fizeram vaquinha, ajudaram, tudo isso aconteceu (Fabiano, 2023).

Isso porque,

A gente são todos unido quando não dá para um, não dá para os outros. A gente se reúne, quando acontece algo de errado, a gente se reúne, faz paralização, se eles não melhorar, a gente não roda. Não tem sindicato para proteger a gente em nada. Então a única coisa que resta é só a gente se unir e a gente mesmo batalhar pelas conquistas da gente, então sempre vai noticiar em qualquer canto do mundo (Batista, 2023).

A última fala diz respeito ao fato de que se verifica nessa categoria a realização de muitas lutas contra a autocracia exercida pelas empresas de plataformas. Nessa perspectiva, não é exagero afirmar a existência de certa consciência de classe, de que são trabalhadores que vivenciam os mesmos problemas e precisam estar unidos para enfrentá-los.

CONCLUSÃO

O ideário prometeico propagado pelo Vale do Silício de um novo tempo de magia no qual a tecnologia irrompe como uma oportunidade de prosperidade para o conjunto da humanidade não se realizou, assim como a ideia de que a atividade profissional por conta própria, autônoma, é uma forma superior de trabalho que facilita ganhos rápidos e liberdade.

Como percebido, o trabalho plataformizado está associado a três grandes movimentos em curso no capitalismo mundial: revoluções tecnológicas, financeirização da esfera produtiva e a subtração do papel do Estado na regulação capital versus trabalho. Estas mudanças estruturais trouxeram à tona formas pretéritas de trabalho.

O trabalho plataformizado, embora se apresente como uma sedutora modalidade de trabalho, não significa, entretanto, uma capitulação aos valores do Vale do Silício. Se por um lado é verdade que o ideal de autonomia e liberdade, a fuga ao trabalho fordista padronizado, é um forte atrativo para os trabalhadores de plataformas, por outro, esses mesmos trabalhadores têm consciência de que são explorados.

Destaque-se ainda que muitos são empurrados a esse tipo de trabalho em função de falta de alternativas numa realidade de altas taxas de informalidade, subocupação, trabalho intermitente e desemprego.

Por fim e, mais relevante, a pesquisa junto a entregadores de aplicativos revela que o empreendedorismo propagado pela ideologia do Vale do Silício, que parte do pressuposto que o sucesso de uma pessoa, particularmente na vida laboral, depende apenas dos seus

esforços, da sua performance, da sua vontade, de sua perseverança e de suas intuições visionárias, não se sustenta.

(Recebido para publicação em 24 de fevereiro de 2024)

(Reapresentado em 11 de março de 2024)

(Aprovado para publicação em 19 de março de 2024)

REFERÊNCIAS

- ABILIO, Ludmila Costhek. Uberização: Do empreendedorismo para o autogerenciamento subordinado. **Psicoperspectivas**, Valparaíso, v. 18, n. 3, p. 41-51, 2019. Disponível em: http://www.scielo.cl/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0718-69242019000300041&lng=es&nrm=iso. Acesso em: 26 mar. 2024.
- CASTELLS, Manuel. **A Sociedade em Rede**. São Paulo: Editora Paz e Terra, 1999.
- COCCO, Giuseppe; GALVÃO, Alexander Patez; SILVA, Gerardo (org.). **Capitalismo cognitivo**. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2003.
- DARDOT, Pierre; LAVAL, Christian. **A nova razão do mundo: ensaio sobre a sociedade neoliberal**. São Paulo: Boitempo, 2016.
- FILGUEIRAS, Vitor; ANTUNES, Ricardo. Plataformas digitais, Uberização do trabalho e regulação no Capitalismo contemporâneo. In: ANTUNES, Ricardo (org.). **Uberização, trabalho digital e indústria 4.0**. São Paulo: Boitempo, 2020. p. 59-78.
- FRIEND, Tad. A busca do Vale do Silício pela vida eterna. **IHU ON-LINE**, São Leopoldo, 2018. Disponível em: <https://www.ihu.unisinos.br/188-noticias/noticias-2018/581265-a-busca-do-vale-do-silicio-pela-vida-eterna>. Acesso em: 7 fev. 2024.
- GORZ, André. **O imaterial**. São Paulo: Annablume, 2005.
- HARVEY, David. **Condição Pós-moderna**. São Paulo: Loyola, 1992.
- LAZZARATO, Maurizio; NEGRI, Antonio. **Trabalho imaterial**. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2001.
- LEITE, Márcia de Paula; LINDÔSO, Raquel Oliveira. Empreendedorismo, neoliberalismo e pandemia. O desmascaramento de uma ideologia. **Contemporânea Revista de Sociologia da UFSCar**, [s. l], v. 11, n. 3, p. 791-820, set./dez. 2021.
- LEVY, Pierre. **Cibercultura**. São Paulo: Editora 34, 1999.
- LOJKINE, Jean. **A Revolução Informacional**. São Paulo: Cortez Editora, 1999.
- MARX, Karl; FRIEDRICH, Engels. **Manifesto do partido comunista**. São Paulo: Martin Claret, 2001.

NEGRI, Antonio; HARDT, Michael. **Multidão**. Rio de Janeiro; São Paulo: Record, 2005.

POCHMANN, Márcio. **O emprego na globalização**: a nova divisão internacional do trabalho e os caminhos que o Brasil escolheu. São Paulo: Boitempo, 2001.

RIFKIN, Jeremy. **A era do acesso**: a transição de mercados convencionais para networks e o nascimento de uma nova economia. São Paulo: Makron Books, 2001.

RULLANI, Enzo; ROMANO, Luca. **Il postfordismo**. Milano: Etas libri, 1998.

SALES, Ana Patrícia Dias; SALES, Francisco José Lima. As plataformas de entregas e sua nebulosa rede de subcontratação. **Revista ABET**, [s. l], v. 22, n. 2, p. 1-16, 2023.

SCHWAB, Klaus. **A quarta revolução industrial**. São Paulo: Edipro, 2016.

SENNETT, Richard. **A cultura do novo capitalismo**. São Paulo; Rio de Janeiro: Record, 2006.

SLEE, Tom. **Uberização**: a nova onda do trabalho precarizado. São Paulo: Editora Elefante, 2017.

SRNICEK, Nick. **Platform capitalism**. Cambridge: Polity Press, 2017.

UBER. **Um jeito diferente de levar a vida**. Brasil: Uber, s.d. Disponível em: <<https://www.uber.com/pt-BR/blog/uber-um-jeito-diferente-de-levar-vida/>>19 de jul. de 2017.

VERCELLONE, Carlo. Um panorama sobre a nova divisão cognitiva do trabalho. **IHU ON-LINE**, São Leopoldo, ano 4, n. 161, p. 17-21, 2005. Disponível em: <https://www.ihuonline.unisinos.br/artigo/852-carlo-vercellone-1>. Acesso em: 25 mar. 2024.

VIRNO, Paolo. **Grammaire de la multitude**. Québec: Conjectures & l'éclat, 2002.

(Recebido para publicação em 24 de fevereiro de 2024)

(Reapresentado em 11 de março de 2024)

(Aprovado para publicação em 19 de março de 2024)